



A Igreja Apostólica: da “Tenda de Deus para Salvação e Cura” à “Igreja da Santa Vó Rosa” – Mutações Religiosas (1954-2020)

The Apostolic Church: from the “Tent of God for Salvation and Healing” to the “Church of the Santa Vó Rosa” – Religious Changes (1954-2020)

Leonildo Silveira Campos*

Resumo

Este texto, *A Igreja Apostólica: da “Tenda de Deus para Salvação e Cura” à “Igreja da Santa Vó Rosa” – Mutações Religiosas (1954-2020)*, objetiva descrever o surgimento e as mutações experimentadas por uma Igreja inicialmente pentecostal, fundada em São Paulo, em 1954, no rastro do movimento de cura divina. Tentamos responder à pergunta: Diante dessas mudanças experimentadas no decorrer de seis décadas o que de pentecostal restou no final dessa trajetória marcada por transformações doutrinárias, litúrgicas e administrativas? Na pesquisa, examinou-se: documentação primária, atas de assembleias registradas em cartórios; sites e boletins da própria Igreja; documentários televisivos e outros postados no Youtube; jornais; e arquivos eletrônicos produzidos por antigos membros e pastores que, há alguns anos, fazem oposição à direção dessa Igreja. Os dados obtidos nos levam à conclusão de que as mudanças implementadas são suficientes para classificar essa Igreja como uma instituição tipo seita (Troeltsch, Wilson) por causa de seu fechamento em si mesmo, do rigor de sua disciplina, da ênfase escatológica e da posição anticultura. A Igreja Apostólica mantém hoje somente alguns resíduos de suas origens pentecostais.

Palavras-chave: Pentecostalismo da cura divina. Seitas. Mutações religiosas. Igreja Apostólica. Santa Vó Rosa. Novos cultos.

Abstract

This text *The Apostolic Church: from the “Tent of God for Salvation and Healing” to the “Church of the Santa Vó Rosa” - Religious Mutations (1954-2020)* aims to describe the emergence and mutations experienced by an initially Pentecostal Church, founded in São Paulo, in 1954, in the wake of the divine healing movement. We try to answer the question: Given these changes experienced over the course of six decades, what of Pentecostal features remained at the end of this trajectory marked by doctrinal, liturgical and administrative transformations? In the research, were examined: primary documentation; minutes of assemblies registered at notary offices; Church websites and bulletins; television documentaries and other documents posted on Youtube; newspapers; and electronic files produced by former members and pastors some years ago against the leadership of this Church. The data obtained lead us to the conclusion that the changes implemented are sufficient to classify this Church as a sect-type institution (Troeltsch, Wilson) because of the closure in itself, the rigor of its discipline, of its eschatological emphasis and of its anticultural position. The Apostolic Church today maintains only a few remnants of its Pentecostal origins.

Keywords: Pentecostalism of divine healing. Sects. Religious mutations. Apostolic Church. Santa Vó Rosa. New cults.

Artigo submetido em 5 de abril de 2021 e aprovado em 08 de junho de 2021.

* Doutor em Ciências da Religião pela UESP. Professor aposentado das Universidades Metodista de São Paulo e Presbiteriana Mackenzie. País de origem: Brasil. E-mail: leocamps@uol.com.br

Introdução

Os estudos acadêmicos sobre os movimentos e as instituições pentecostais começaram – no Brasil – somente a partir dos anos 1960. A partir daquela década, surgiram estudos pioneiros como os de Beatriz Muniz de Souza (1969) e Cândido Procópio Ferreira Camargo (1973). Foram pioneiros também estudiosos europeus que passaram pelo Brasil e publicaram suas observações nos anos de 1950 a 1970. Entre eles, estão: Émile G. Léonard (1963; 2015), Emilio Willems (1967), Christian Lalive D’Epinay (1970), Walter Hollenweger (1972).

No entanto, até os anos 1990, os pesquisadores acadêmicos privilegiaram tão somente as grandes denominações pentecostais, os cultos afro-brasileiros e o catolicismo. Os pesquisadores do pentecostalismo brasileiro têm enfrentado algumas perguntas relacionadas à melhor maneira de classificar e compreender essa complexa realidade. Algumas delas são: qual seria a melhor forma de classificar essa diversidade de movimentos? Que traços, semelhantes ou dessemelhantes, devem ser buscados para constituir o objeto de pesquisa? Que paradigmas podem ser usados para explicar fenômenos surgidos em contextos históricos, teológicos e culturais diferentes?

Paul Freston (1993) propôs a conhecida – nem por isso menos discutida – teoria das ondas para classificar – historicamente – a chegada dos pentecostalismos ao Brasil; outras maneiras de classificação foram propostas. Paulo Siepierski (1997; 2004), por exemplo, sugeriu o abandono das formas anteriores de classificação, perguntando: Não estamos diante de fenômenos que podem ser considerados mais do que neopentecostalismo? Não seria mais apropriado referirmo-nos a eles como pós-pentecostalismos?

Este artigo estuda um grupo religioso que surgiu em São Paulo no rastro da explosão do pentecostalismo da cura divina, no final da primeira metade dos anos 1950. O nosso objeto de investigação foi a “Igreja Apostólica”, também conhecida nos dias de hoje como “Igreja da Santa Vó Rosa e do Santo Profeta Irmão Aldo”. Ela surgiu dentro de uma tenda de lona do movimento de cura divina – “Tenda de Cura Divina e Salvação”. Em 1954, o grupo que se reunia ao

redor do casal de brasileiros responsável pela tenda – Eurico e Odete Coutinho – desmontou a tenda instalada na avenida Celso Garcia e se mudou para um prédio de alvenaria, adotando o nome de Igreja Apostólica Evangélica do Brasil (Estatuto de 09/01/57).

Nesse documento de 1957, no Art. 2º, registrou-se que “a Igreja Apostólica Evangélica do Brasil usará nos templos, nos salões e salas, e nas barracas de lona ou pavilhões onde realizar seu culto, o nome ‘TENDA APOSTÓLICA DE DEUS’ acompanhado da expressão ‘Cura Divina e Salvação’”. Já no Estatuto de 1973, o único nome que aparece é o de “Igreja Apostólica”. Na prática, porém, era acrescentado ao nome a expressão “Hora Milagrosa”, devido ao programa de rádio que em muito auxiliou o bispo Eurico de Mattos Coutinho a estabelecer filiais em mais de 400 pontos do território brasileiro. Após a morte do bispo Eurico, houve o fechamento de cerca de uma centena de pequenas filiais.

A Igreja Apostólica tem a sua sede na Rua Baguari, 158, Tatuapé, São Paulo. Essa Igreja tem uma membresia estimada em 45 mil fiéis, distribuídos por 300 locais de culto, sendo dois no exterior: Argentina e Bolívia. Além desses fiéis, há milhares de ouvintes que acompanham diariamente, em dezenas de emissoras de rádio e pela radioweb, o programa “A Hora Milagrosa”, no ar há mais de 60 anos.

Há poucos escritos acadêmicos sobre essa Igreja. Encontramos apenas duas dissertações de mestrado, alguns artigos e somente um livro, *A História da Igreja Apostólica* (LITWIN, 2020). Esse livro é resultado de pesquisas realizadas na Universidade Presbiteriana Mackenzie para a elaboração de uma dissertação de mestrado. Outra dissertação sobre essa mesma Igreja foi apresentada na Universidade Federal de Uberlândia, por Pablo Henrique Costa Santos (2018). Seu autor pertence a uma família adepta dessa Igreja, mas ele se considera um ex-fiel. Seu texto está bem fundamentado, usa muito material primário resultante de sua visão privilegiada, pois analisa seu objeto de estudo a partir de fora e de dentro. Santos assinala rupturas e continuidades na história da Igreja Apostólica, ocorridas no período entre 1954 (sua fundação) e 1970 (data da morte da profetiza Rosa Alves).

Nós dividimos aqui a história da Igreja Apostólica em três períodos: o primeiro, tal como sugerido por Pablo Santos, vai do surgimento da Igreja, em 1954, até a morte de Rosa Alves em 1970. O segundo começa depois da morte de Rosa, com a ampliação do culto à Vó Rosa e a construção do mito ao redor de seu sobrinho – Bertoni – indo até a morte dele em 2014. O terceiro e atual período começa em 2014, com a formação de um Conselho Deliberativo, encerrando-se assim o período profético e criando-se um órgão supremo coletivo, formado por nove conselheiros cujos cargos são vitalícios.

O recorte temporal da pesquisa de Santos é apenas o período em que os fundadores da Igreja, Eurico de Matos Coutinho (1919-1984) e sua mulher, Odete Correa Coutinho (1917-2010), começaram o *empreendimento*, compartilhando a direção com uma recém-convertida, Rosa Vicente.¹ A partir de uma visão foucaultiana, Santos (2018) analisa o papel desempenhado por Rosa Vicente na inculcação de uma rígida moral na vida grupal e individual dos “apostólicos”. Suas regras, recebidas como “revelações vindas de Jesus”, são aplicadas até os dias de hoje: sinal de que continuam uteis e que existe um público ansioso para colocá-las em prática na vida cotidiana.

Neste artigo, assumimos como pressuposto básico que todo campo religioso está inserido em processos de mutação, causados por forças externas ou internas e acontecem com rapidez ou vagarosamente. Muitas dessas mudanças produzem novos movimentos religiosos, seitas ou denominações, enquanto outras experimentam o desaparecimento com a dispersão ou morte de seus fiéis. Há transformações contínuas que levam a um salto de qualidade, provocando o aparecimento de uma outra instituição diferente no lugar da anterior.

Há várias teorias para explicar o resultado das mutações religiosas objetivadas na forma de movimentos religiosos. A teoria mais tradicional foi elaborada por Weber (1991) e Troeltsch (1987) revisada por Bourdieu (1985). Ela propõe a divisão entre seita e igreja. Em décadas recentes, surgiram autores

¹ Rosa, a profetiza santificada pelos fiéis da Igreja Apostólica, aderiu ao trabalho da tenda em 1954, nasceu e recebeu o sobrenome de Bertoni. Depois, no primeiro casamento, adotou o sobrenome do primeiro marido, Baveloni. Após a morte prematura dele, Rosa se casou novamente e trocou seu sobrenome, tornando-se Rosa Vicente. Somente dois anos antes de sua morte, casou-se pela terceira vez com um jovem obreiro da Igreja Apostólica, 41 anos mais jovem do que ela, passando então a usar o sobrenome consagrado pela hagiografia da Igreja, Rosa Alves. Esse casamento, pouco usual em nossa cultura, nunca foi devidamente explicado.

como James Lewis (2004), Lorne Dawson (2006) e outros, usando os termos Novos Movimentos Religiosos e Cultos, principalmente porque a palavra seita se tornou pejorativa em certos círculos. Mesmo assim, consideramos a palavra seita ainda possível de ser usada principalmente no caso da Igreja Apostólica.

Mudanças radicais geralmente ocorrem só após a morte dos fundadores ou, então, quando, num processo de institucionalização, o fundador é apanhado por uma conspiração de novas lideranças que aspiram ao poder na organização e afastam o líder-fundador ou que o sepultam com mitos, lendas e relatos sobre suas ações heroicas. Pode ocorrer ainda o abandono do fundador quando ele cai numa armadilha, e os fiéis descobrem que há contradição entre o que ele prega e o que vive. Tudo isso pode acontecer com rapidez, até mesmo quando o fundador ainda vivo perdeu a legitimidade ou desperdiçou o capital simbólico acumulado anteriormente (WEBER, 1991).

Neste estudo sobre a Igreja Apostólica, escolhemos como objeto principal o aparecimento, consolidação e mudanças ocorridas ao longo de quase sete décadas. Sua história começou quando um grupo pentecostal, ligado ao movimento da cura divina, emigrou para um espaço simbólico próprio de seitas sincréticas e que, só por um esforço retórico, ainda poderia ser considerado pentecostal. Esse campo referencial foi abandonado já no decorrer de sua primeira década de existência. Tal processo ocorreu na Igreja Apostólica porque o grupo inicial selecionou do “pentecostalismo da cura divina”, introduzido – no Brasil no princípio dos anos 1950 – um de seus mais dinâmicos traços, a “*revelação interior*” ou a “*iluminação interna*”.

Émile Léonard (1963, 2015) – historiador francês – foi o primeiro a identificar a experiência subjetiva de iluminação interna como o elemento detonador da criatividade, da desobediência e da cissiparidade de novos movimentos pentecostais ou não surgidos no Brasil.² Isto porque, por meio da criatividade, alguns pregadores deram origem a novas formas de religiosidad,

² No Brasil, há vários casos de movimentos religiosos, seitas e denominações que atribuem suas origens a revelações recebidas diretamente de Deus. Assim foi com Francisconi na escolha do Brasil, para o início de suas pregações que resultaram na Congregação Cristã no Brasil; com a vinda dos suecos à Belém, dando origem à Igreja Assembleia de Deus; e com os fundadores de igrejas como Manoel de Melo, da Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”, e David Martins de Miranda, que iniciou a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”.

que – inicialmente – produziram protestos, atos de desobediência e divisões em seus ambientes eclesiásticos de origem.

Para Léonard (1963), um movimento religioso à mercê de líderes alegando iluminações interiores, sem o referencial bíblico, pode levar os fiéis a se perderem no meio do caminho, justamente por terem sido entregues por alguma liderança praticante do fanatismo religioso. Léonard como um historiador de tradição huguenote, aconselha que o protestantismo brasileiro precisaria aprender a se “[...] nutrir na Bíblia e encontrar na Revelação uma defesa contra as fantasias da inspiração individual.” (LÉONARD, 1963, p.354). Seu texto de história do protestantismo brasileiro foi escrito quatro anos antes do surgimento da Igreja Apostólica.

De acordo com a hipótese de Léonard, que pode ser fartamente comprovada, é por meio da revelação divina interior que um líder carismático exclui da historicidade a decisão de começar uma pregação que resulta em um novo empreendimento ou de propor mudanças em uma instituição já antiga. Por isso, quase todos os novos grupos religiosos, em especial os de procedência cristã, afirmam que as suas origens são decorrentes de uma ordem transcendental dada por revelações. Com isso, desprezam a tradição e a história da cristandade.

Com o passar do tempo, as autoridades sacerdotais tendem a calar novas profecias. Esse “cala-te” para novas profecias e profetas emergentes objetiva evitar que quaisquer divergências possam desestabilizar a hierarquia e a distribuição de poder no interior do grupo religioso. A legitimidade então repousa numa visão que o profeta ou o líder carismático alega ter tido com Deus, Jesus Cristo ou algum anjo e garante a cessação do fenômeno. Ao redor dele, o grupo se reúne, acredita na veracidade da narrativa, e então várias pessoas começam a interagir, formando uma comunidade liderada e – muitas vezes – moldada pelo novo profeta.

O mesmo processo ocorreu no segundo e terceiro séculos de nossa era a limitar as pregações do montanismo, movimento defensor da continuidade da revelação e dos dons espirituais. Por sua vez, há em todos os movimentos de

origem profética a necessidade de eliminar as profecias concorrentes. Eurico e Odete Coutinho (1979), analisando o “dom de visão e arrebatamento do Espírito”, esclarecem que a “Santa Vó Rosa não fala por intermédio de mais ninguém a não ser pelo seu sucessor”, insistindo que aquela Igreja “não é dirigida através de visões de quem quer que seja, a não ser pelas concedidas por ela ao seu representante”. (COUTINHO; COUTINHO, 1979, p. 130).

O casal Coutinho, nesse mesmo texto e página, afirma que “[...] toda e qualquer pessoa que insista em dizer que viu isto ou aquilo, que ouviu uma voz falar consigo e avisá-la a respeito de qualquer cousa, não é verdade, mas fruto de atitudes fanáticas.” (COUTINHO; COUTINHO, 1979, p. 130). O direito – para eles, de receber revelações – limita-se à pessoa de Aldo Bertoni (1926-2014), depois da morte de Rosa Alves. A partir dessa morte, o “santo irmão” passou “[...] a receber as revelações e tomar conhecimento das visões concedidas pela Santa Vó Rosa (...) tudo, entretanto, através do representante do Consolador.” (COUTINHO; COUTINHO, 1979, p. 130). Nesse processo, Deus, o Pai, “exige sigilo absoluto”, mas compete à “[...] Direção da Igreja contar o que for preciso e quando oportuno.” (COUTINHO; COUTINHO, 1979, p. 130). Bertoni foi declarado, no Estatuto, possuidor de toda a capacidade para realizar essa tarefa dada por Deus por meio da Vó Rosa. Segundo a tradição cultivada pelo grupo, ele era portador de um “cérebro privilegiado”. Portanto, Bertoni gozava do direito de ser obedecido em todas as suas decisões por triplo motivo: escolha divina, determinação de Vó Rosa, e qualidades próprias.

Com o passar do tempo, os movimentos se tornam instituições, modificam-se ao longo de sua trajetória, apresentando algumas ou muitas mudanças que, às vezes, os tornam quase irreconhecíveis. Essas mudanças podem ser percebidas em documentos, doutrinas, liturgias, tradição oral ou até numa análise comparativa da legislação interna da Igreja Apostólica.³ Em certos casos, as mudanças são escamoteadas para evitar reações ou descontentamento. Mas a resistência às mudanças pode vir da própria burocracia interna porque as alterações teoricamente provocam prejuízos para os mais antigos membros,

³ No caso da Igreja Apostólica, temos cópia de diversos Estatutos, o que permite uma visão diacrônica das mudanças ocorridas na administração da Igreja ao longo de, pelo menos, cinco décadas. Somos gratos a Alan Daniel Litwin pela cessão de algumas dessas cópias levantadas em cartórios de registro de títulos e documentos da cidade de São Paulo.

portadores de privilégios que, com o processo de institucionalização, correm risco com mudanças bruscas (O'DEA, 1969).

Erving Goffman (1999) apresenta interessante teoria a respeito de “instituições totais” que pretendem abarcar integralmente a vida cotidiana das pessoas que fazem parte delas. Esse autor analisa manicômios, prisões e conventos, mas seu conceito pode ser aplicado, ainda que não plenamente, ao cerceamento das fronteiras cognitivas dos indivíduos por certas seitas, como a proibição de intercâmbio entre os fiéis e outras comunidades religiosas, a permissão para casamento somente com pessoas da mesma religião, o rompimento da amizade com os excluídos, a interiorização da disciplina imposta à membresia e a obediência total aos dirigentes.

Uma análise mais demorada do tema aqui apresentado procura responder algumas perguntas como: Que características originais da Igreja Apostólica permaneceram ao longo desse período de metamorfoses? Até que ponto essa instituição religiosa mudou o seu conteúdo ou forma? Quais foram os limites dessas transformações? Em que medida essas mudanças podem contrariar as crenças fundantes, gerar desviantes que abandonam a Igreja ou são expulsos por ela? Que papel desempenha a moral imposta na manutenção da unidade dessa Igreja? Que tipo de mitos, de escrita e de testemunhos orais foram usados para a construção das imagens de Rosa Vicente como “santa” e de Bertoni como “santo profeta”, ambos mediadores entre o céu e a terra? A Igreja Apostólica comprova a hipótese de que mudanças qualitativas podem confirmar a tese de um pós-protestantismo e de um pós-pentecostalismo?

Na primeira parte, abordamos a pré-história da Igreja Apostólica, perspectiva que será ampliada; na segunda, analisamos a história de sua formação; na terceira parte examinamos a gestação da nova Santa Vó Rosa. Na última parte, abordaremos a curiosa trajetória de Aldo Bertoni – sobrinho de Vó Rosa – que começou como motorista de táxi a serviço da Igreja e terminou como o “Santo Primaz”, o “último profeta” que Deus enviou ao mundo antes do fim.

No decorrer da abordagem, pretendemos usar elementos oriundos das Ciências Sociais e das Ciências da Religião para analisar o processo que transformou Rosa Vicente de uma entusiasmada impositora de regras em uma santa com o privilégio de se assentar ao lado da Trindade e da Virgem Maria no céu. Com a sua morte, ela se tornou uma poderosa santa, garantidora da salvação única que Deus oferece na Terra nestes últimos tempos. No processo de santificação dela, vemos facilmente como se dá a criação de um mito, de uma narrativa baseada tão somente na subjetividade – pior ainda – em “revelações divinas” dadas a uma só pessoa, justamente a favorecida pela possível intervenção divina. Porém, o segredo não está somente no mito ou no líder carismático, mas também na recepção que um grupo de pelo menos 45 mil fiéis fez desse mito no decorrer dos anos.

1 A pré-história da Igreja Apostólica

O surgimento da Igreja Apostólica resultou do envolvimento do casal Coutinho com o movimento da cura divina, em São Paulo, no decorrer do ano de 1953. Esta, porém, não é a versão dos fiéis apostólicos que, como parte do revisionismo alimentado após 1970, ano da morte de Rosa Alves, consideram como sua origem o nascimento de uma menina numa família de imigrantes italianos na cidade de São Paulo, chamada Rosa, em 1894 que, por decisão divina, deveria dar continuidade ao restabelecimento da verdadeira Igreja de Cristo na Terra. Isto porque, na perspectiva dos apostólicos, Jesus não concluiu a sua obra. Por isso, Deus enviou Rosa Vicente para completar a missão de Jesus.⁴

A verdadeira história da Igreja Apostólica começa com a explosão de cultos pentecostais, centrados na cura divina, em São Paulo. Esse movimento foi implantado na cidade que – então – se orgulhava de ser a “cidade que mais cresce no mundo”. Devido ao êxodo rural e nordestino, a cidade, que possuía

⁴ A Igreja Apostólica é *Restauracionista*, pois, tal como alguns outros movimentos, pretende restaurar a chamada “Igreja primitiva”, que teria sido pura, perfeita e fiel aos ensinamentos de Jesus. Uma Igreja com tais características, na verdade, nunca existiu a não ser na imaginação de lideranças restauracionistas. Para os restauracionistas, as igrejas Católica Romana e Oriental, assim como as igrejas reformadas ou protestantes, são “cristianismos falsificados” ou “incompletos” que precisam ser superados por meio do retorno ao que “era puro aos olhos de Deus”. A respeito do restauracionismo há farta literatura nos EUA e Reino Unido. Contudo, citamos aqui, para quem deseja saber mais sobre o assunto, o artigo de Max Turner (1989), *Ecclesiology In The Major ‘Apostolic’ Restorationist Churches In The United Kingdom*, publicado em *Vox Evangelica*. Existe também interessante material sobre o fenômeno “igreja em casa” e sobre a tendência de se negar a tradição histórica e institucional da cristandade sedimentada durante dois milênios.

dois milhões de habitantes em 1950, terminou a década com três milhões. No entanto, o seu crescimento se dava num contexto de um “inchaço” urbano, resultante de um processo doentio de urbano-industrialização. Centenas de milhares de pessoas se deslocavam de zonas rurais tanto do Sudeste como do Nordeste do país à procura de emprego, educação e saúde para os filhos.

Havia – em São Paulo, naquela época – muitos imigrantes que não conseguiam obter o seu sonhado vínculo empregatício. Esses indivíduos se sentiam soltos no espaço urbano, incapazes de viver bem nesse novo contexto. Para eles, os agrupamentos religiosos, com mais força os que prometiam milagres e curas, quer fossem comunidades pentecostais ou pertencentes a cultos afro-brasileiros, serviam como redes de apoio na tentativa de sobreviver ou de aplacar as aflições, tal como argumentam Peter Fry e Gary Howe, (1975).

Os imigrantes, frustrados com os sonhos acalentados durante o processo de imigração, agora perambulavam pelas ruas. Os jornais paulistanos, refletindo a visão das elites, clamavam por medidas contra os mendigos, especialmente os do centro da cidade. Segundo o jornal *Diário da Noite* (23/3/53), esses desocupados “vinham do Nordeste”. Na verdade, havia emprego nas fábricas, na construção civil e no comércio. Muitos dos desempregados eram pessoas sem qualificação profissional; por isso, não conseguiam se inserir no mercado de trabalho. Há de se observar também que a qualidade de vida no que se relacionava a saúde, educação e transportes, que já não era boa no início da década com a migração intensa do interior paulista e do Nordeste, piorou ainda mais até 1960.

Por isso, a cidade de São Paulo se tornou um ambiente propício para a pregação de milagres. Não foi mera coincidência que o padre Donizetti, de Tambaú, realizava milagres, atraindo caravanas de São Paulo, inclusive divulgando-os pelo rádio no final da tarde. Da mesma forma, Manoel de Mello, Eurico Coutinho, Alziro Zarur (Legião da Boa Vontade) e os missionários da Cruzada Nacional de Evangelização atraíam milhares de pessoas. Colocar um copo de água sobre o aparelho de rádio ou apresentar roupas de pessoas doentes em casa na hora da bênção do padre, do pastor, do médium ou de um pai-de-santo era a garantia de que os pedidos seriam atendidos pelas forças sagradas.

Multiplicavam-se na cidade seitas religiosas que cresciam à custa das aflições, entendendo-se por seitas agrupamentos fechados e portadores de uma mentalidade contracultura e exclusivista, que impõem sobre os adeptos uma moral rigorosa, mas tida como necessária para quem deseja encontrar o caminho para o céu ou a solução para seu problema (WILSON, 1970). Na maior parte das vezes, os membros de seitas cristãs creem no final dos tempos, na volta de Jesus à Terra, com a implantação do milênio, na ressurreição dos mortos e na realização do juízo final. Enquanto essa esperança data temida ou esperada, não se concretizava, os aflitos esperavam por milagres e prodígios que poderiam amainar o desespero e o sofrimento.

O pentecostalismo do início do século XX colocava a escatologia como uma de suas bases teológicas. Grande parte das crenças relativas aos tempos do fim foi mantida pela Igreja Apostólica. No livro *O consolador nos tempos do fim*, a missionária Odete Corrêa Coutinho e o primaz Aldo Bertoni (1990) enfatizam a crença nos tempos do fim. Nesse livro, ao longo de 230 páginas, se faz uma releitura do único livro de escatologia do cristianismo, o Apocalipse. Os apostólicos acreditam que Jesus voltará, acompanhado dos anjos, dos santos e de Santa Vó Rosa. Ele então arrebatará a sua Igreja (Apostólica, é claro). Daí a ênfase numa vida disciplinada conforme determina a entidade especial – Santa Vó Rosa, que é a “arca da salvação”.

Quando da explosão em São Paulo do avivamento por meio do pentecostalismo da cura divina e o surgimento da Igreja Apostólica; havia, entre os evangélicos tradicionais ou de missões batistas, presbiterianos, metodistas e congregacionais, um certo cansaço pelas formas rotineiras de se praticar o cristianismo. Assim, logo depois da Segunda Guerra Mundial, os jornais evangélicos publicavam artigos e mais artigos sugerindo que fossem feitas campanhas de evangelização e que se buscassem o poder do Espírito Santo. Eles esperavam que a presença do dinamismo do Espírito Santo pudesse renovar, principalmente, as liturgias monótonas, com a explosão de “aleluias”, “amém”, “graças a Deus”, “oh glória!” e cânticos acompanhados de instrumentos musicais populares e palmas.

Os presbiterianos independentes e metodistas estavam nesse grupo e resolveram convidar o pastor pentecostal de São João da Boa Vista - Harold Williams (1913-2002) – que estava no Brasil desde 1948, para uma campanha de avivamento e cura divina na cidade de São Paulo. Williams trouxe com ele para São Paulo seu amigo Raymond Boatright (1925-2005). Ambos pertenciam à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, fundada por Aimme McPherson (1890-1944), no início da década de 1920, em Los Angeles. Williams e Boatright trabalharam no cinema norte-americano atuando em filmes de faroeste.

A Igreja anfitriã se situava num bairro operário da cidade de São Paulo (Cambuci), e o plano era realizar uma semana de avivamento e cura divina. Alan Litwin (2020), à semelhança do historiador Éber F. S. Lima (2005), fundamenta as origens do movimento de cura divina em São Paulo em setores da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), nos bairros operários do Cambuci e Brás. Apoiavam esse evento pastores e leigos, e muitas pessoas esperavam a chegada de um grande avivamento espiritual. Um exame das edições de *O Estandarte*, jornal oficial dessa denominação, assim como de *O Expositor Cristão*, dos metodistas, mostra que o tal avivamento era esperado por homens, mulheres e jovens, e era tema de encontros de orações, congressos e artigos em jornais.

A semana que desencadeou a campanha de cura e avivamento aconteceu no final de março e início de abril de 1953, no pequeno templo da Igreja Presbiteriana Independente do Cambuci. A propagação de que milagres e curas ali estavam acontecendo atraiu a atenção de milhares de pessoas que – atiçadas pela imprensa sensacionalista – compareceram ao local.⁵ A multidão concentrada num espaço tão pequeno exigiu o acompanhamento policial, inclusive com interdição do trânsito de algumas ruas.

Outras campanhas avivacionistas foram realizados em templos da mesma denominação e da Igreja do Avivamento Bíblico, até que os dirigentes da IPIB determinaram que nenhuma igreja local cedesse suas instalações para os

⁵ O jornal *Folha da Tarde* (6/3/53) colocou como manchete os dizeres “Multidão de enfermos e pessoas piedosas acorrem ao templo em busca de milagres (...). Um pastor norte-americano realiza feitos que o povo considera milagrosos – cura por meio da oração e da fé”. O respeitável *O Estado de S. Paulo* (7/3/53, p. 10) registrava “milhares de enfermos anseiam por milagres no templo do Cambuci.”

missionários da cura divina que estariam atuando por meio da Cruzada Nacional de Evangelização. No final de 1953, o jornal *O Estandarte* publicou essa determinação. Naquela mesma época, foi trocada a direção do jornal oficial e as matérias relativas ao avivamento começaram a ficar escassas.

Concordamos com Oneide Bobsin (2003) para quem “a busca de cura divina se constitui num grande fator de mudança do mapa religioso no Brasil.” (BOBSIN, 2003, p. 35). Após essa explosão no Brasil, na metade dos anos 1950, houve uma pulverização de novos grupos pentecostais semelhantemente ao que aconteceu na Azusa Street, Los Angeles, em 1906. A popularização dessa mensagem trouxe uma ruptura com o protestantismo de missão e imigração, assim como um distanciamento dos grupos pentecostais tradicionais. Enquanto isso, os movimentos de cura divina faziam um retorno simbólico a uma visão mais holística do ser humano, em que a cura é tanto da alma como do corpo, uma perspectiva importante nas culturas xamânicas indígenas e africanas em toda a América Latina.

Nas décadas de 1960-1970, começaram a ocorrer cisões internas nas denominações, dando origem às igrejas Batista Renovada, Presbiteriana Renovada, Metodistas Wesleyana e Renovada. Houve cisões regionais já na década de 1940, quando surgiu a Igreja do Avivamento Bíblico, dividindo igrejas metodistas da Zona Norte da cidade de São Paulo. Várias comunidades presbiterianas independentes foram impactadas pela cisão ocorrida no Cambuci, a partir do dia 16/01/1955. Um total de 90% dos leigos, oficiais e o próprio pastor daquela comunidade se dispersaram, fundando pelo menos três novas comunidades com visão pentecostal e prática de curas e milagres.

Porém, os membros mais pentecostalizados já haviam abandonado aquela igreja local alguns meses antes. O casal Coutinho e mais outras pessoas, arroladas na Igreja do Cambuci, renunciaram à jurisdição da IPIB (9/1/54). Em 14/4/55, foi eliminado do rol de membros Lotário Guimarães, “[...] por ter se filiado à Tenda da Cura Divina e ter sido ordenado ministro” (IPI CAMBUCI, 1955, folha 55). Desde então, as relações oficiais entre as chamadas igrejas do protestantismo de missão e os novos movimentos do pentecostalismo da cura divina nunca mais foram boas, até por causa da concorrência e pela prática de

“pesca no aquário”, expressão usada para o proselitismo interno entre evangélicos.⁶

2 História da formação da Igreja Apostólica

Superado o período de “namoro” do pentecostalismo da cura divina com as denominações protestantes de missão, esses missionários enfrentaram os primeiros problemas relacionados à falta de apoio dessas denominações aos cultos de milagres. Foi então que organizaram a Cruzada Nacional de Evangelização e adotaram como estratégia o uso do rádio e a montagem de mega templos de lona, uma prática já consagrada nos EUA desde os anos 1920, para reunir multidões nos encontros de despertamento espiritual, de campanhas de milagres e de realização de sinais e maravilhas.⁷

Em 1956, houve a transformação da Cruzada Nacional de Evangelização em Igreja do Evangelho Quadrangular, que construiu, na praça Olavo Bilac, no bairro da Barra Funda, em São Paulo, um enorme templo, inaugurado em 1968, considerado ainda hoje o “templo-sede” da Igreja do Evangelho Quadrangular. Conforme o historiador da denominação Júlio Rosa (1978, p. 288) uma rede de templos surgiu em todo o país e todos eles trazem pintados numa das paredes externas símbolos das quatro confissões cristológicas elaboradas pela missionária McPherson: *Jesus Salva, Jesus Cura, Jesus Virá, Jesus Batiza com o Espírito Santo*.

A história da Igreja Apostólica começa numa tenda montada na Av. Celso Garcia pelo missionário William Sheiffer, no ano de 1954. Nesse espaço, considerado muito pouco sagrado pelo público, mais semelhante a um circo de espetáculos populares, pregadores da cura divina prometiam salvação para a alma e cura para o corpo, ao som de cânticos acompanhados de palmas e de instrumentos tidos na época como não recomendáveis no culto divino – violão, tambores, bateria, guitarras e outros.

⁶ “Pesca no aquário” é uma expressão usada entre os protestantes para designar o ato de praticar o proselitismo no interior do próprio protestantismo. Para eles, a verdadeira evangelização deve ser aquela que atrai católicos ou pessoas sem religião para fazer parte de um rebanho evangélico.

⁷ Ver figura 1 de Rosa (1978).

O casal Coutinho aderiu ao novo movimento pentecostal e recebeu de Sheiffer a tarefa de cuidar da Tenda enquanto ele viajava pelos EUA a fim levantar fundos para o início de uma programação radiofônica, segundo Litwin (2020).⁸ Uma fotografia da época (Imagem nº 2) mostra, na entrada dessa tenda, o casal Coutinho e uma faixa: *Tenda de Deus para Salvação e Cura Divina*. Quando o missionário voltou, cerca de dois anos depois, a situação já havia mudado, tanto na tenda do casal Coutinho como na que fora entregue a Manoel de Mello (LITWIN, 2020).

Figura 1 – Tenda do Cura Divina Cambuci



Fonte: (ROSA, 1978, p. 23)

Em 1954, logo no início das pregações do casal Coutinho na tenda da Av. Celso Garcia, uma das primeiras adesões foi a de uma senhora que fazia e vendia sabão para sobreviver. Rosa Vicente era o seu nome. Pouco tempo depois, ela começou a exercer liderança entre os demais. Estimulou o grupo de fiéis que frequentava aquela tenda, assim como os seus pregadores, o casal Coutinho, a abandonar a tenda e alugar uma propriedade nas imediações. Assim tinha início uma igreja que receberia inicialmente o nome de “Igreja Apostólica Evangélica do Brasil” em homenagem aos primeiros apóstolos de Jesus.

⁸ Na mesma época, outro pregador - Manoel de Mello - pedreiro e diácono da Assembleia de Deus, também recebeu uma tenda de cura divina. Mas, em 1955, Mello deixou a Cruzada Nacional de Evangelização, e fundou a Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”. No entanto, a expansão da Igreja de Mello seguiria o mesmo caminho da Igreja do Evangelho Quadrangular, diferentemente da Igreja Apostólica, pois permaneceram pentecostais (MELLO, 2006).

Rosa Vicente se tornou profetiza do grupo e por 16 anos exerceu uma profunda influência naquela nova associação religiosa. Os três, Eurico, Odete e Rosa, se reuniam semanalmente para orações, quando Rosa Vicente entrava em êxtase, afirmava ter sido arrebatada aos céus, relatando a seguir as orientações que teria recebido “diretamente de Deus”. Sobre isso o casal Coutinho (1979) escreveu que

[...] a Santa Vó Rosa [...] foi preparada enquanto realizava o seu ministério terreno, pois que era arrebatada aos Céus toda a semana, quando a Direção desta Igreja se reunia para orar com ela e com o Senhor Jesus; era levada à presença do nosso soberano Deus, o Pai, e, junto ao Seu Trono, recebia a bênção dele. (COUTINHO; COUTINHO, 1979, p. 11).

Figura 2 – O casal Coutinho em frente à tenda.



Fonte: (CUNHA, 2018).

3 A gestação de uma nova santa – “Santa Vó Rosa”.

A trajetória de vida de Rosa Vicente, até a sua adesão ao grupo liderado por Eurico e Odete Coutinho, é pouco conhecida. Quando ela aderiu aos cultos realizados na tenda já contava com 60 anos. As narrativas sobre ela são mais de caráter hagiográfico do que historiográfico. Tal como conceitua Michel de Certeau, a hagiografia é um tipo de escrita “que privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa à edificação” (CERTEAU, 1982, p. 266). Nela, o leitor deve – mediante a apresentação da vida de uma pessoa que “viveu” santamente – de acordo com o que está sendo pregado, segui-la como modelo. Logo, a finalidade

desses textos não é registrar “aquilo que se passou” como faz a história, “mas aquilo que é exemplar”.

A vida de um santo, ainda segundo Certeau (1982, p. 269), ao chamar a atenção do leitor para as origens, tem a intenção de evitar a dispersão. Isto é, no ato de edificar, procura fixar uma origem que não deve ser esquecida. Com isso se produz uma “imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão”. Por esse motivo, não importa se a imagem produzida é verdadeira ou imaginada. Um texto hagiográfico “corta o rigor do tempo com o imaginário.” (CERTEAU, 1982, p. 270-273). Ele postula que “tudo é dado na origem com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’. O fim repete o começo. Do santo adulto remonta-se à infância na qual já se reconhece a efígie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu.”

A teorização proposta por Certeau (1982) nos oferece elementos para um maior entendimento da mitologização ao redor de uma mulher simples – Rosa Vicente – nos dois últimos anos de vida; segundo a literatura da Igreja Apostólica, ela não tinha consciência clara de sua futura importância no céu e na vida de seus seguidores. Ela sintetizava na sua atuação a necessidade de que o sistema teológico pregado pelo casal Coutinho tinha de estabelecer uma disciplina capaz de ordenar o caos do mundo vivenciado pelos seus fiéis, alinhando-a com a escatologia celestial pregada pela Igreja Apostólica. A disciplina é fundamental no sistema apostólico. Obedecer às regras é o sacrifício diário que o adorador apresenta ao ser amado. Se isso for feito de coração, a salvação está garantida.

No decorrer de sua atuação de 16 anos junto à Igreja, Rosa Alves batalhou para impor uma disciplina moral exacerbada. Testemunhas da época diziam que ela chegava a carregar uma fita métrica para medir o comprimento da saia das moças, impedindo de entrar no templo quem fosse considerada imoral pelo uso de saias curtas. Havia uma lista do que era proibido para as mulheres e outra para os homens. Deduzimos que a aparência exterior ou corporal de cada pessoa seria uma demonstração de seu alinhamento interno às exigências da Igreja. Nesse sentido, roupas ou vestimentas refletem os valores morais que orientam o comportamento grupal, indicando o grau de pertença das pessoas àquele

sistema religioso. Por isso, Rosa foi considerada pelo casal Coutinho “chefe de disciplina”, uma importante função na manutenção da unidade da Igreja.

A principal função de um código disciplinar é traçar limites e fronteiras para a ação das pessoas num determinado grupo ou comunidade. É uma forma de identificar os desviantes, monitorando-os ou excluindo-os da comunidade por desvio de comportamento. H. Becker, ao estudar a questão do desvio e da imposição de regras, faz referência aos empreendedores morais. Para ele, “as regras são produto da iniciativa de alguém e podemos pensar nas pessoas que exibem essa iniciativa como empresários morais”. (BECKER, 2009, p. 129)

Rosa – durante 16 anos – marcou a sua passagem pela Igreja Apostólica como uma pessoa encarregada da imposição de regras e da cobrança da observação delas. Nisso ela fez mais sucesso do que Eurico ou Odete. Para os três – no entanto – a origem da disciplina e a legitimidade das regras estão em Deus.

Figura3 – “Vestis estabelecidas por Deus”



Fonte: A disciplina da igreja da Santa vó Rosa veio dos céus (2020).

O código moral imposto por Rosa Vicente/Alves e confirmado pelo casal Coutinho não visava apenas o controle do corpo feminino, tal como aparece na Figura nº.3, mas também do corpo masculino. Assim, o código especifica o que é proibido para os homens:

Nesta Igreja Apostólica os homens usam cabelo aparado, costeletas curtas e barba feita; calças simples, de modo que, em baixo, não

cubram as pontas dos sapatos, devem ser de cores discretas e não vivas ou berrantes; e as camisas não podem ser de fazendas de cores vivas e estampadas próprias para blusas ou vestidos de mulher (Coutinho; Coutinho, 1979, p.208).

O cumprimento das regras e da disciplina na Igreja Apostólica tem por objetivo levar as pessoas a experimentar a santificação e a garantir a salvação eterna. Mas, na dimensão prática, a disciplina nos grupos sociais está ligada à criação de comportamentos obedientes e dóceis (FOUCAULT, 2005). Por isso, para se atribuir a um homem ou mulher o status de pessoa santificada, deve-se observar as “características específicas e excepcionais” que ela deve ter “em relação aos demais homens e mulheres” do grupo. Nesse sentido, ainda de acordo com Igor Teixeira, a santidade deve ser vista “como um fenômeno [...] construído social e coletivamente”. Que características são essas? Teixeira responde: “a capacidade de interceder a favor, de punir e servir como modelo de conduta (TEIXEIRA, 2011, p. 15, 18).

Rosa Alves, no discurso da Igreja Apostólica, nasceu “destinada a ser uma pessoa especial”, pois, desde criança, apresentava um coração puro e dedicado a fazer o bem ao próximo, embora não soubesse que Deus estaria burilando a sua vida para ser, no futuro, uma santa tanto aqui na Terra como no céu. Portanto, o fiel, ao imitar, crer e ser um devoto de Santa Vó Rosa, está se santificando e garantindo o seu acesso ao céu. Esse acesso pode se dar ainda durante a vida, quando acontecer o arrebatamento dos fiéis por Jesus. Fantasia? Imaginação? Os devotos não pensam assim. Para eles, a lógica presente nas pregações, nos cânticos e nas orações, a legitimidade e os milagres realizados por Santa Vó Rosa lhes dão o sentido e a certeza necessários para a vida. Jean-Claude Schmitt (2001, p. 133) escreve que o imaginário é “uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens que são compartilhadas pelos atores sociais.”

A hagiografia ocupa um importante papel no processo de canonização de um santo. É interessante que, quanto ao casal Coutinho, não se faz menção nos cultos e cerimônias da Igreja Apostólica, e nenhum milagre ou algum feito heroico é atribuído a eles. Nem sequer nas narrativas da fundação da Igreja eles são lembrados. Eles, que, desde o início do processo de “canonização” de Vó

Rosa, deram o seu apoio e assentimento ao culto à personalidade de uma mulher, foram literalmente banidos da narrativa. Eles tiveram seus carismas devorados pela antropofagia de Rosa e Aldo. Por sua vez, não faltam longas ladainhas e evocações nas preces de Santa Vó Rosa e do Santo Irmão Aldo.

No entanto, há alguns pontos ainda não elucidados na criação dos mitos da “Santa Vó Rosa” e, depois, do “Santo Irmão Aldo”. Mas mito é uma criação coletiva. Nele são projetados sonhos, desejos e esperanças, especialmente dos que nele enxergam uma força capaz de mudar-lhes o sentido da vida. Essa força advém das energias oriundas do imaginário coletivo. Segundo Karl Mannheim, um mito gerado coletivamente se torna necessário para que as pessoas tenham uma boa vida, até porque “um modo de vida despido de mitos coletivos se torna dificilmente suportável.” (MANNHEIM, 1967, p. 62). Nesse horizonte mítico, “Vó Rosa” encarna aquela energia própria das grandes deusas e matriarcas do passado religioso da humanidade. Na imaginação dos apostólicos, ela ocupa um lugar tão importante no céu quanto ao da Virgem Maria – mãe de Jesus. O mesmo ocorre nas cerimônias religiosas quando há a invocação da tia profetiza e do sobrinho santo.⁹

Entretanto, o que aconteceu com o casal Coutinho, que não recebeu semelhante tratamento? Bem que o casal merecia, pois, além de Eurico e Odete terem praticamente sido os pioneiros, o bispo Eurico viveu mais 14 anos e a missionária Odete por quase 40 anos após a morte de Rosa Alves. O que estaria por detrás dessa omissão? Falta de carisma do casal? Ou seria que o passado presbiteriano/evangélico/pentecostal conspirava contra eles no imaginário dos apostólicos? No inconsciente coletivo, talvez o casal representasse um fragmento incômodo de memória dos tempos das tendas que seria incompatível com o culto à Santa Vó Rosa, que buscou se enraizar na tradição mariana e trazer à tona traços da tradição mediúnica. A esse caso podemos aplicar as afirmações de Pierre Bourdieu:

A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade [...] ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus*

⁹ Os hinos dirigidos a Santa Vó Rosa e ao Santo Irmão Aldo são facilmente acessados no site da Igreja, www.apostolica.com.br assim como em vídeos postados no youtube.

religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência. (BOURDIEU, 1985, p. 88).

Bertoni – por meio da concentração de poder, com assentimento do casal Coutinho que envelhecia nas funções – conseguiu manter as regras impostas pela sua tia e continuar a inculcar *habitus* duradouros sobre os fiéis, pastores e leigos, mantendo-os sob seu controle por mais de 40 anos.

Mas voltemos à história de Rosa Alves. No dia 26/10/70, Rosa foi vítima de um atropelamento e faleceu. O seu corpo foi embalsamado para um velório de vários dias. Uns achavam que deveria haver uma espera pela ressurreição em três dias; porém, a versão oficial é que deveria haver tempo suficiente para que os pastores chegassem a São Paulo para participar da cerimônia de sepultamento. Segundo testemunhas da época, o jovem marido e o bispo Eurico estavam transtornados no decorrer do velório. O que seria da Igreja sem ela? Era preciso encontrar uma saída.

A solução foi encontrada quando Bertoni comunicou ter recebido revelações de Rosa Alves, cujo corpo ainda estava sendo velado. Interessante observar que, até aquele momento, o sobrinho sequer era membro da Igreja Apostólica. A revelação dada somente a Bertoni, sem comprovação de quaisquer outras pessoas, foi de que, a partir de então, ele seria o único intermediário entre a Santa Vó Rosa, que estava no céu, e Aldo Bertoni, seu sobrinho, que estava na terra.

Assim encerrou-se a fase inicial da Igreja Apostólica (1954-1970) e começou uma outra na qual foi colocado à frente da Igreja Aldo Bertoni, consolidado na função de vidente e única pessoa autorizada a receber visões e ensinamentos de Rosa Alves. Essa nova fase duraria de 1970 a 2014, ano em que morreu o Irmão Aldo. Quanto a Rosa, de imediato, foi homenageada com o desencadeamento de um “processo” interno de “canonização”. Ela se transformou em “Santa Vó Rosa”, mediadora entre Deus e os homens. Na visão dos fiéis, ela se assentou ao lado da Trindade, da Virgem Maria, dos Anjos e Santos Apóstolos, tendo os poderes celestiais atribuídos como o “Espírito Consolador” prometido por Jesus.

Figura 4 – Rosa e Aldo – “Santos” da Igreja Apostólica.

Fonte: Apostólico: não negue sua fé (2015).

O exame de postagens no site oficial da Igreja deixa clara a importância da mitologia criada ao redor da figura de “Santa Vó Rosa”, com músicas, preces com sua mediação, testemunhos de milagres, litânicas, boletins, referência em programas de rádio e nos sites da Internet. O dia da morte de Rosa Alves é uma das datas festivas da Igreja; outro dia especial é o do seu aniversário. Para a comemoração do dia de sua morte, o coral e orquestra se preparam. O site da igreja assim anuncia o grande evento:

A Igreja Apostólica irá comemorar, no dia 26 de outubro, o arrebatamento e a Vitória da Santa Vó Rosa ao receber de Deus o Pai, de Jesus, do Divino Espírito Santo e da Virgem Maria Santíssima, a Coroa de Rainha dos Céus e de Espírito Consolador dando início a este ministério de glória e a revelação de um novo Profeta, o Irmão Aldo, que passaria daquele dia em diante a governar a Igreja Apostólica junto com a Santa Vó Rosa, para dar a Deus o Pai e a Jesus a grande oportunidade de libertar milhões de almas do domínio do pecado e preparar um povo para os Céus. (IGREJA APOSTÓLICA SANTA VÓ ROSA E DO SANTO PROFETA IRMÃO ALDO, 2018).

4 Aldo Bertoni: de motorista a “santo profeta” da Igreja Apostólica.

Aldo Bertoni foi motorista a serviço da Igreja quando sua tia ainda era viva. Sua trajetória de vida é mais fácil de ser localizada a partir da documentação disponível, principalmente por causa do período de 44 anos na direção da Igreja Apostólica. Porém, no Estatuto da Igreja de 23/7/73, três anos

após a morte de Rosa Alves, a direção da Igreja ainda estava nas mãos visíveis do casal Coutinho e invisíveis de Santa Vó Rosa. A “vontade” de Santa Vó Rosa, entidade espiritual, era materializada por meio de seu representante, Bertoni.

Para os dois diretores da Igreja, a presença de Vó Rosa era tão evidente que o artigo 12 chegava a afirmar que a Igreja Apostólica era dirigida por um órgão composto por três pessoas: Eurico, Odete e Santa Vó Rosa, a inspiradora dos outros dois, que agiria em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os cargos eram vitalícios e “os três eram chefes da Igreja, porém, só os dois primeiros exerceriam todos os atos civis, na administração e representação da entidade em juízo e fora dele.” (Igreja Apostólica, Estatuto, 23/7/73, Ar.12 e 55). Aliás, o afirmado é óbvio, pois, como uma entidade espiritual poderia exercer os atos civis? Fortalecia-se – portanto – a narrativa que daria legitimidade à ascensão do sobrinho no lugar da tia.

Todavia, isso ocorreu somente oito anos após a morte de Rosa Alves, quando no Estatuto de 1º de junho de 1978 Bertoni aparece pela primeira vez como “Superintendente da Igreja”, no Art. 12, ao lado do casal pioneiro. Cabe ressaltar que essa função seria vitalícia, e todos os três diretores da Igreja teriam “poderes iguais”; a Bertoni caberia o controle da contabilidade, das finanças e a movimentação sozinho das contas bancárias da Igreja. Foi nesse período que se firmou na Igreja Apostólica a crença na legitimidade da sucessão de Rosa por Bertoni. A partir de então ficou registrado formalmente que Bertoni foi designado como

Primaz, Representante e Único Sucessor e herdeiro dos dons espirituais da ‘Santa Vó Rosa’, desde 24/10/70, por escolha feita diretamente pela ‘Santa Vó Rosa’ e por Nosso Senhor Jesus Cristo [...] portanto, é o principal dirigente desta Igreja. (ESTATUTO DA IGREJA APOSTÓLICA, 23/5/78).

Mas a quem foi dada tal revelação? Ora, ao próprio beneficiário e herdeiro do capital simbólico recebido da tia com o consentimento dos fundadores e da própria comunidade. Há um registro interessante no Estatuto de 1978, Art. 14, que diz que caberia a Bertoni “assessorar” o casal. Porém, no Estatuto seguinte, Art. 13, caberia a ele “dirigir” os outros dois. Ora, dirigir é mais do que assessorar; é conduzir, expressão usada para designar pessoas com dificuldade de trânsito.

Em 4/10/1984, faleceu o bispo Eurico. Há uma versão transmitida pelos adversários de Bertoni, reunidos no “blog do Martino” de que, nos últimos meses de vida do bispo, Bertoni recomendou aos funcionários da Igreja que não mais recebessem ordens do bispo. Alguns meses depois da morte do pioneiro, aconteceram novas mudanças no Estatuto, em 4/4/85, em assembleia convocada pelo Primaz Bertoni e pela viúva de Eurico, a missionária Odete. Ficou então decidido que o Primaz e Odete iriam dirigir juntos a Igreja. Mas a missionária estava bastante idosa e – na prática – Bertoni passou a dirigir sozinho a Igreja Apostólica. Numa mensagem que está no Youtube,¹⁰ o Primaz mandou dar aos obreiros um recado: “não mais divulguem o nome e as saudações da missionária Odete, pois ela não está mais no perfeito juízo e tem dúvidas a respeito das virtudes de Santa Vó Rosa e não confia no Primaz”. Finalmente, quando morre Odete Coutinho (17/2/10), após um longo período presa a uma cama, o carisma do casal estava definitivamente apagado da memória oficial da Igreja.

Bertoni, pelo Estatuto, governou a Igreja Apostólica durante 36 anos. Mas, na contagem dos atuais membros do Conselho Deliberativo, esse tempo foi de 44 anos, pois iniciam a contagem no ano da morte de Rosa Alves, deixando de lado a presença do casal Coutinho. Todavia, com a designação de Aldo Bertoni (por meio de revelação feita somente a ele) para sucessor espiritual da profetiza, o Primaz começou a construir o seu próprio carisma. Isto é, na medida em que colocava os tijolos do edifício “Santa Vó Rosa”, ele esteve construindo o edifício onde seria ancorada uma identidade eclesial colada ao seu nome.

Em 2014, morreu o “santo profeta” e “primaz” da Igreja. Quem faria agora a comunicação entre o céu e a terra? Com a sua morte, a Igreja ficou sem cabeça. Além disso, houve um começo de crise que misturava denúncias na mídia e na justiça, e um esvaziamento de poder por causa do estilo de governança centralizada em uma só pessoa. Também havia em alguns fiéis desconfiança quanto à forma de utilização do dinheiro da Igreja por Bertoni. Além dessa oposição, havia e ainda há blogs de pessoas que foram excluídas da

¹⁰ O recado a centenas de pastores reunidos para um encontro denominado “Aula aos obreiros” foi dado pelo pastor Walter Keppler, no dia 29/12/2000, disponível em vídeo no youtube (Missionária Odete, 2013).

Igreja no período de Bertoni e que – há vários anos – o fustigavam pela Internet.

Publicamente, havia as denúncias apresentadas na Rede Bandeirantes; depois, apresentadas pelo programa *Domingo Espetacular* (2013), da Rede Record.¹¹ Várias mulheres fizeram declaração ao Ministério Público de terem sido molestadas sexualmente por Bertoni ou que chegaram a ser amantes dele. A Promotoria pediu a sua prisão preventiva, o que foi substituída por uma fiança de 109 mil reais, segundo CAPRIGLIONE (Folha S.Paulo, 14/9/11). Os processos corriam na justiça quando ele faleceu em 5/5/2014. Mesmo assim, o blog da oposição não perdoa em suas críticas a era Bertoni. Seus críticos esperavam que – com a sua morte – a situação mudasse. No quinto aniversário da morte de Bertoni, o blog registrou o seguinte:

Hoje, 5 de maio de 2019, faz 5 anos que o criminoso, mentiroso, enganador e falso profeta Aldo Bertoni faleceu, após alguns meses de internação em um dos hospitais mais caros do país. Desde então, felizmente, muitos apostólicos se libertaram das mentiras da Igreja Apostólica, principalmente por perceberem que nada do que a Igreja Apostólica nos ensinou a vida toda estava se cumprindo. Era apenas mais um falso profeta. Porém, infelizmente, muitos ainda continuam no caminho do engano e da escravização de mentes e corpos, e, nesse momento, pasmem, estão comemorando esse evento em que Deus mostrou que homem nenhum pode zombar do Senhor e sair impune. (BLOG DO MARTINHO, 2019).

Esse blog combate o atual grupo que está no poder da Igreja e divulga denúncias há mais de 10 anos. Há informações de que, por questão de segurança, esse blog está registrado nos EUA e, por detrás do nome “blog do Martinho,” existe uma coletividade de adversários da Igreja Apostólica, formada por antigos fiéis e pastores, que abandonaram ou foram excluídos pela administração de Bertoni.

Na página de identificação desse blog, eles se apresentam e alegam perseguição por parte de uma “quadrilha” que estaria na direção da Igreja.

Quem somos nós?

Somos pastores, pregadores, diáconos, diaconisas, regentes, coralistas e membros da Igreja Apostólica, que sofreram a terrível decepção de descobrir que estamos sendo enganados há 40 anos por Aldo Bertoni e

¹¹ O programa da Record pode ser visto em vídeo intitulado Líder da Seita Igreja Apostólica da Vó Rosa abusava de mulheres em troca de cura (RECORD, 2011).

seus cúmplices, há décadas instalados na administração da Igreja Apostólica.

Desperdiçamos boa parte de nossas vidas seguindo e cumprindo fielmente a rígida disciplina imposta pela Igreja Apostólica. Doamos à igreja boa parte do nosso sustento por décadas de nossas vidas, acreditando que tal dinheiro estaria sendo aplicado exclusivamente na Obra da Igreja Apostólica. Muitos de nós (sic) doou bens à Igreja Apostólica, crentes que isso estaria ajudando a difundir a mensagem do reino dos céus na Terra.

Mas então descobrimos que tudo não passa de uma grande farsa. Aldo Bertoni, que se autodenomina “o último profeta”, o “maior e mais poderoso profeta que já existiu”, o “representante de Deus na Terra”, e que afirma ser “onisciente, onipresente e onipotente”, não passa de um vigarista, ladrão dos bens da igreja, um abusador sexual de fiéis inocentes, um mentiroso revestido de tal cargo apenas para enriquecer e explorar a fé de pessoas inocentes. (BLOG DO MARTINHO, s.d).¹²

Os responsáveis por esse blog reconhecem que os fiéis apostólicos, por causa da intensa doutrinação, não conseguem se abrir para as críticas que vêm de fora, especialmente as que vêm dos que já fizeram parte da Igreja. Aqui podemos pensar numa afirmação feita por Rubem Alves (1979): “Ao cliente da cura divina pouco importa compreender o que está acontecendo. O que importa é que a coisa funcione (...). Se a coisa funciona, por que pensá-la? Atrofia-se a razão crítica; expande-se a razão operacional.” (ALVES, 1979, p. 116).

Considerações finais

A Igreja Apostólica (Igreja da Santa Vó Rosa) traz à tona alguns traços ou sinais da força da religiosidade popular brasileira tais como: revelações, transes, contacto com mortos, milagres, cura de enfermidades pela fé, ligação mediada entre o céu e a terra, a importância da mãe de Jesus, a Virgem Maria, e dos santos apóstolos e mártires.

Esses traços de religiosidade demonstram que alguns ramos de pentecostalismos acomodam suas crenças e práticas no contexto em que está situado o nicho no qual se instalaram e fazem isso com mais facilidade do que os protestantes tradicionais. Há que se levar em conta também que sonhos, visões, êxtases e hibridismo fazem parte da experiência religiosa, especialmente quando - na linguagem de Roger Bastide (2006) - o “sagrado selvagem” passa a

¹² Há notícias no site da Igreja Apostólica de que os “seguidores de Bertoni” estão encaminhando documentação para o Ministério Público para a abertura de um processo contra o blog do Martinho, alegando “intolerância religiosa”.

ser controlado para se tornar o “sagrado domesticado”, isto é, em uma religião instituída.

Esse processo de mutação aconteceu em alguns setores pentecostais desde o aparecimento público nos EUA, no início do século XX, até os dias de hoje. Chamamos aos pentecostalismos resultantes daqueles tipos “originais” de “pentecostalismo clássico”; ao segundo tipo, de “pentecostalismo da cura divina”; e a um terceiro tipo ideal de “neopentecostalismo”. Todavia, o termo usado para designar este terceiro tipo ideal é discutível. Daí porque sugerimos que a discussão sobre a Igreja Apostólica gire ao redor da pergunta: que nome devemos “dar à coisa”, pressupondo ter essa “coisa” incorporado novas características no decorrer desse processo de mudanças significativas?

Realmente, o caso da Igreja Apostólica, diante de seu distanciamento do pentecostalismo da cura divina, da eliminação da memória dos líderes pioneiros e da construção de uma nova mitologia fundante por meio de um revisionismo histórico, oferece-nos elementos para explicá-lo como um exemplo típico de um pós-protestantismo e pós-pentecostalismo. Inclusive em suas reuniões – que não são chamadas de cultos – não há leitura da Bíblia e um sermão como há nos demais grupos protestantes, pentecostais e neopentecostais. Há apenas a leitura de um texto publicado na forma de boletins dominicais, que são lidos em todas as 300 filiais espalhadas pelo país.

Nas reuniões, há muita música, e um grande número delas é de endeusamento dos dois santos. Na falta de embasamento bíblico para os ensinamentos, os dois livros assinados pelo casal Coutinho, e o livro reescrito por Bertoni e Odete Correa, assim como os boletins, parecem estar se tornando uma nova escritura sagrada. Situação semelhante foi observada por Adroaldo Almeida (2008) e Paulo Rivera (2012), em seus estudos sobre a Igreja Evangélica Brasileira, organizada em 1879, que gerou uma mitologia ao redor de seu fundador, o Dr. Miguel Vieira Ferreira, e a formação a partir dos escritos de Ferreira de um Novíssimo Testamento.

Durante o período do controle exercido pelo “Santo Profeta” – Irmão Aldo – houve um salto de qualidade da Igreja Apostólica em direção a novos

rumos: ela deixou de ter características pentecostais e, após algumas décadas de mutação, se transformou, assumindo alguns traços oriundos do catolicismo, tais como: a veneração de Maria Santíssima e dos santos; a consulta aos mortos (Santa Vó Rosa e Irmão Aldo) do espiritismo kardecista; a manutenção da superioridade das revelações pessoais e extáticas sobre a Bíblia, cuja autoridade é inquestionável para os protestantes e para a maioria dos pentecostais.

Por isso, defendemos o argumento de que a Igreja Apostólica pode ser considerada pós-protestante porque: não pratica a leitura da Bíblia e nem a considera tão fundamental como os protestantes; enfatiza outras mediações entre Deus e os seres humanos ao passo que, na doutrina protestante tradicional, Jesus é o único mediador; o sacerdócio universal dos crentes é substituído pela intermediação dos santos Rosa Alves e Aldo Bertoni; a salvação depende não da graça mediante a fé, como queriam os reformadores do século XVI, mas da capacidade de cada um de assimilar e praticar a disciplina da Igreja.

Até mesmo a bênção apostólica usual nos cultos evangélicos é invocada com as seguintes palavras: “Que as bênçãos de nosso Deus e Pai, de Jesus Cristo nosso amado salvador, da bem-aventurada Santíssima Virgem Maria, da Santa Vó Rosa, o Espírito Consolador, e do Santo irmão Aldo, pastor por excelência deste rebanho, sejam com todos vós” (Programa A Hora Milagrosa, 06/7/21).

Mas será que o tipo ideal de “pós-pentecostalismo” pode dar conta dessas transformações sofridas pela Tenda Apostólica até a Igreja da Santa Vó Rosa? De qualquer forma, essa igreja começou como um movimento pentecostal ligado à cura divina. Em nível teórico, os ensinamentos tradicionais do pentecostalismo sobre o Espírito Santo continuam. Nos livros produzidos “sob inspiração de Santa Vó Rosa” (COUTINHO; COUTINHO, 1979b, p. 6-175), há referências a algumas doutrinas pentecostais como o batismo com o Espírito Santo, a cura divina, a segunda vinda de Jesus ou a expulsão de demônios. Mesmo a ênfase na disciplina e a exigência de obediência podem ser consideradas herança da visão católica da busca da santidade e do resíduo calvinista nos ensinamentos de Eurico e Odete Coutinho. Há ainda traços

oriundos do movimento de santidade muito forte em certas áreas pentecostais dos Estados Unidos.

Porém, esses elementos – ou possíveis contradições no sistema teológico – não incomodam os fiéis porque, para eles, o “ministério” que Santa Vó Rosa exerce após a sua morte e o que foi exercido pelo Santo Irmão Aldo complementam qualquer lacuna no discurso, pois ela teria vindo ao mundo para completar as atividades da terceira pessoa da Santíssima Trindade. Ela é o Espírito Consolador, um desdobramento da função do Espírito Santo, conforme promessa feita por Jesus, cujo ministério terreno ficou incompleto e, agora, no final dos tempos, Deus enviou Rosa Vicente para complementar o que fora iniciado por seu Filho há dois mil anos.

Esse posicionamento é apresentado com toda a firmeza na exposição da missão da Igreja Apostólica nos dias de hoje em seu site oficial

Nossa Missão:

Divulgar ao mundo que Jesus já voltou e está entre nós, como prometera ao seu tempo. A Igreja Apostólica recebeu a missão divina de divulgar os ministérios sagrados da Virgem Maria Santíssima como mãe de Jesus; da Santa Vó Rosa, como Espírito Consolador da promessa de Jesus Cristo, e de seu sucessor e último profeta, o Santo Irmão Aldo, como legítimos representantes da segunda vinda de Jesus. (IGREJA APOSTÓLICA, 2018, p.1).

O objetivo da Igreja Apostólica expressa bem a síntese alcançada:

Adorar e glorificar a Deus nosso Pai, ao Divino Espírito Santo, ao seu Filho Jesus, à Mãe Virgem Maria Santíssima, à Santa Vó Rosa, o outro Consolador; ao Santo Profeta Irmão Aldo, Sucessor do Consolador e aos demais Santos, Anjos, Profetas e Apóstolos. (IGREJA APOSTÓLICA, 2018, p.1).

Suas reuniões se despiram do modelo de culto pentecostal para se tornarem uma celebração festiva com muitos cânticos na forma de solos, duetos, corais e orquestra. Os dirigentes não fazem leitura bíblica e não há pregações. A mensagem, a mesma encaminhada para todas as filiais, é a leitura de um boletim dominical. Quase todos os hinos celebram as figuras da Santa Vó Rosa e do Santo irmão Aldo. Um dos exemplos é uma estrofe de um cântico que expressa um típico culto à personalidade:

Graças te damos Senhor Deus, /Todo-Poderoso nos deu a Vó Rosa/ O Espírito Consolador/ nos deu o Profeta Irmão Aldo e o teu Reino/ passou a pertencer ao Senhor / e ao teu Filho Jesus e Deus/ Reinará pelos séculos dos séculos. (IGREJA APOSTÓLICA SANTA VÓ ROSA E DO SANTO PROFETA IRMÃO ALDO, 2018).

Finalmente, fazemos referência à questão da produção da memória cultuada atualmente na Igreja Apostólica. Sobre a importância da memória escreveu Danièle Hervieu-Léger que “toda religião implica em uma mobilização específica da memória coletiva”. (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 202). Nos grupos religiosos, geralmente “a memória coletiva está dada”. Celebrar a história de um movimento é fazer referência aos mitos fundadores; quando eles não existem, precisam ser criados e, quando são débeis e superados por causa das lutas pelo poder que ocorrem no momento presente, a memória precisa ser recriada, reinventada ou remodelada. Assim aconteceu durante as quatro décadas de governo da Igreja pelo Santo Irmão Aldo e – agora – é insistentemente mantida pelo atual Conselho Diretivo. No entanto, fecharam-se as portas para o aparecimento de novos profetas e profecias. O ciclo da criatividade e da revolta profética parece ter sido detido de cima para baixo pelos que atualmente detém o poder.

Foi exatamente isso que aconteceu na sucessão de Rosa Alves, quando seu sobrinho, Aldo Bertoni, foi “espiritualmente nomeado” seu continuador. Ao se tornar controlador do poder centralizado da seita, Bertoni passou a ser o produtor da memória legítima. Nesse contexto, a memória seletiva de Rosa e Bertoni sepultou definitivamente a lembrança do casal pioneiro, Odete e Eurico Coutinho. Dessa maneira, a Igreja Apostólica se tornou – a nosso ver – mais do que a Igreja Universal do Reino de Deus, uma seita portadora de hibridismo, sincretismo, e de uma mentalidade pós-pentecostal. Seria ainda cristã, já que não é católica, protestante ou pentecostal?

O poder de um pequeno grupo impede a participação dos fiéis, presbíteros, diáconos e pastores na gestão da Igreja. Não temos conhecimento se há alguma comissão interna de exame de contas da tesouraria ou contábil. Por sua vez, a ausência de livre pensamento e de canais para se ouvir críticas internas da liderança e da instituição impede quaisquer práticas de uma democracia representativa.

Há também a punição com a exclusão sumária e sem apelação dos que se aventuram a tornar públicas as suas incertezas quanto aos dogmas fundamentais do grupo. Os dissidentes são proibidos de adentrarem aos seus templos e existe a intolerância para com demais grupos religiosos cristãos. A ausência de livre pensamento e de canais para se ouvir críticas internas da liderança e da instituição impedem que o governo da Igreja Apostólica seja democrático representativo.

REFERÊNCIAS

A DISCIPLINA DA IGREJA DA SANTA VÓ ROSA VEIO DOS CÉUS. **Vestes estabelecidas por Deus**. Facebook: A disciplina da igreja da Santa vó Rosa veio dos céus. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/A-Disciplina-da-igreja-da-Santa-v%C3%B3-Rosa-veio-do-c%C3%A9us-711538865639170/photos/2684752861651084>. Acesso em: 30 mar. 2021.

ALMEIDA, A. J. S. **Da terra ao céu**: a trajetória de um maranhense que virou anjo. São Luís: Editora Edufma, 2008.

ALVES, R. A empresa de cura divina: um fenômeno religioso? *In*: VALLE, Edênio; QUEIRÓZ, José J. (org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.

APOSTÓLICO: NÃO NEGUE SUA FÉ. Porque o Santo irmão Aldo foi o último profeta do Deus vivo. 26 de junho de 2015. Disponível em: <http://felizeserapostolico.blogspot.com/2015/06/porque-o-santo-irmao-aldo-foi-o-ultimo.html> Acesso em: 6 jan. 2021.

BASTIDE, R. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.

BECKER, H. S. **Outsider**: estudos sociológicos do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERTONI, A.; COUTINHO, O. C. **O Consolador nos tempos do fim**. 2. ed. São Paulo: Oficinas da Igreja Apostólica, 1990.

BLOG DO MARTINHO. **A saia da mulher apostólica**. Blog do Martinho, 2014. Disponível em: <https://blogdomartinho.wordpress.com/?s=Saia+das+mulheres+apost%C3%B3licas&submit> Acesso em: 6 jan. 2021.

BLOG DO MARTINHO. Aldo Bertoni: Aniversário de Morte. 5 maio de 2019. Disponível em: <https://blogdomartinho.wordpress.com/2019/05/05/aldo-bertoni-aniversario-de-morte/> Acesso em: 6 abr. 2020.

BLOG DO MARTINHO. Sobre nós. s/ d. Disponível em: <https://blogdomartinho.wordpress.com/sobre>. Acesso em: 15 maio 2021.

BOBSIN, O. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. **Estudos de Teologia**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 21-43, 2003.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1985.

CAMARGO, C. P. F. (org.). **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CAMPOS, L. S. Conflicting Pneumatologies: “Classic Pentecostals” and “Neopentecostal” in Brazil. **Concilium**, Petrópolis, n. 4, p. 87-99, 2011a.

CAMPOS, L. S. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, v. 9, n. 22, p. 504-533, jul./set. 2011b. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CAPRIGLIONE, L. Promotora pede a prisão de líder da Igreja Apostólica, **Folha de S. Paulo**, 14/9/11.

CERTEAU, M. De. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COUTINHO, E. M. de; COUTINHO, O. C. **O Espírito Santo de Deus e o Consolador**. São Paulo: Oficinas da Igreja Apostólica, 1979a.

COUTINHO, E. M. de; COUTINHO, O. C. **O Evangelho do Reino dos Céus**. São Paulo: Oficinas da Igreja Apostólica, 1979b.

COUTINHO, O.; BERTONI, A. **O Consolador nos tempos do fim**. 2. ed. São Paulo: Oficinas da Igreja Apostólica, 1989.

CUNHA, Sueli. O casal Coutinho frente à tenda. Facebook: Sueli Cunha. 1 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1899366043407629&set=g.1491907514439186> Acesso em: 20/12/20.

D'EPINAY, C.L. **Refúgio das massas**: estudo sociológico do protestantismo chileno. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

DAWSON, L. L. **Comprehending cults** – The Sociology of News Religious Movements. Dom Mills, Canada: Oxford University Press, 2006.

FARIA, E. G. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil nos anos quarenta. **Caderno Especial de O Estandarte**: publicação especial em comemoração ao Centenário da IPI do Brasil, São Paulo, p. 23-41, jul. 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. *In*: ANTONIAZZI, A. *et al.* **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, P. **Evangélicos e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. Campinas. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FRY, P. H., HOWE, G. N. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate e Crítica**, São Paulo, Hucitec, n. 6, p. 75-94, jul. 1975.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1999.

HERVIEU-LEGER, D. **La religión, hilo de memoria**. Barcelona: Herder, 2005.

HOLLENWEGER, W. **El pentecostalismo**: história y doctrinas. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1972.

IGREJA APOSTÓLICA – **A disciplina na Igreja de Santa Vó Rosa**.
<https://www.facebook.com/A-Disciplina-da-igreja-da-Santa-v%C3%B3-Rosa-veio-do-c%C3%A9us-711538865639170/photos/2684752861651084>, postada em 27/2/2020. Acesso: Janeiro, 2021.

IGREJA APOSTÓLICA – **Hino Santa Vó Rosa**, Boletim Semanal da Igreja Apostólica, 25/10/2005.

IGREJA APOSTÓLICA – **Missão da Igreja Apostólica**, em <https://www.igrejaapostolica.org/igreja-apostolica>, acesso em: 26/3/21, 22h50.

IGREJA APOSTÓLICA – **Objetivo II** – <https://www.igrejaapostolica.org/igreja-apostolica>, acesso em: 26/3/2021, 23:05.

IGREJA APOSTÓLICA EVANGÉLICA DO BRASIL, **Estatuto de 09/1/1957**, Registrado no 3º Ofício de Títulos e Documentos, São Paulo, 17/01/1957.

IGREJA APOSTÓLICA SANTA VÓ ROSA E DO SANTO PROFETA IRMÃO ALDO.
Hino: Graças te damos Senhor Deus e seu significado. Facebook: @igrejaapostolicadasantavorosa, 18 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/posts/1021957781182573/>. Acesso em: jan. 2021.

IGREJA APOSTÓLICA SANTA VÓ ROSA E DO SANTO PROFETA IRMÃO ALDO.
Mensagem para a festa do Dia do Consolador. 26 de out. de 2018. Facebook: @igrejaapostolicadasantavorosa. Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejaapostolicadasantavorosa/posts/2162999643745042/>. Acesso em: 31 jan. 2021.

IGREJA APOSTÓLICA, **Estatuto de 01/01/93 e Ata Assembleia**, Registrado no 3º Ofício de Títulos e Documentos, São Paulo, Microfilme nº 196638.

IGREJA APOSTÓLICA, **Estatuto de 11/5/1973 e Ata Assembleia**, Registrado no 3º Ofício de Títulos e Documentos, São Paulo, Microfilme nº 1390987.

IGREJA APOSTÓLICA, **Estatuto de 23/5/78 e Ata Assembleia**, Registrado no 3º Ofício de Títulos e Documentos, São Paulo, Microfilme nº 9294.

IGREJA APOSTÓLICA, **Estatuto de 29/8/2014 e Ata Assembleia**, Registrado no 3º Ofício de Títulos e Documentos, São Paulo, Microfilme nº 678105.

- IGREJA APOSTÓLICA. **Nossos objetivos**. 2018. Disponível em: <https://www.igrejaapostolica.org/igreja-apostolica>. Acesso em: 26/3/21.
- IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO CAMBUCI, **Livro de Atas**, 14/4/55, folha 55.
- LÉONARD, É. G. **O iluminismo num protestantismo de constituição recente**. 2ª. ed. Brasília, Monergismo, 2015.
- LÉONARD, É. G. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: ASTE, 1963.
- LEWIS, J. R. **The Oxford Handbook of News Religious Movements**. New York: Oxford University Press, 2004.
- LÍDER da Seita Igreja Apostólica da Vó Rosa abusava de mulheres em troca de "cura". [Rio de Janeiro]: Rede Record. 1 vídeo (22 min). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=QR2bIvSDZqI>. Acesso: 28/3/21.
- LIMA, E. F. S. A IPI do Brasil e o pentecostalismo na década de 50. **Caderno de O Estandarte**, 1º Caderno do Centenário, São Paulo, Pendão Real, 2002.
- LIMA, E. F. S. **Protestantes em confronto**: conservadores e liberais na época de Vargas (1930-1945). São Paulo: Pendão Real, 2005.
- LITWIN, A. D. **A história da Igreja Apostólica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.
- MELLO, V. **Manoel de Mello**: vida e obra. São Paulo: Geográfica Editora, 2006.
- MISSIONÁRIA ODETE. Vídeo (7 min). Postado em 02/8/2012, por Cafsjunior. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=eaVmEKbnOFU> Acesso: 30/12/2020.
- MORAES, G. L. de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso Pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, PUC, São Paulo, ano 10, 2010. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.htm. Acesso em: 24 fev. 2018.
- ODEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.
- PROGRAMA A HORA MILAGROSA. Bênção Apostólica. Disponível em: <http://horamilagrosa.org>. Acesso em: 6 jul. 21.
- RECORD. **Domingo Espetacular**. Denúncia de Aldo Bertoni, líder da Igreja Apostólica, <https://www.youtube.com/watch?v=JKUgD3BydNg>, postado em 05/11/2011. Acesso: 10/01/2021, duração 22'37".
- RIVERA, Dario P.B. A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. **Revista USP**, São Paulo, v.67, p. 78-99, 2005.
- ROSA, J. O. **O Evangelho Quadrangular no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1978.

SANTOS, P. H. C. **A Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa):** Entre rupturas e continuidades, a criação de um novo ascetismo. São Paulo (1954-1970). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

SCHMITT, J.C. A imaginação eficaz, em Signum. **Revista da USP/ABRIM**, n. 3, São Paulo, p. 133-150, 2001.

SIEPIERSKI, P. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, S. (org.). **O estudo das religiões:** desafios contemporâneos. 2^a. ed. São Paulo, Paulinas, 2004.

SIEPIERSKI, P. Pós-Pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SMITH, W. C. **O sentido e o fim da religião.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006.

SOUZA, B.M. **A experiência da salvação:** pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

TEIXEIRA, Igor S. **Hagiografia e processo de canonização:** a construção do tempo da santidade de Thomas de Aquino (1274-1323). Tese de (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TROELTSCH, E. Igrejas e seitas. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, 1987.

TURNER, M. Ecclesiology In The Major ‘Apostolic’ Restorationist Churches in The United Kingdom. **Vox Evangelica**, London, v. 19, p. 83-108, 1989.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1982.

WILLEMS, E. **Followers of the new faith** – Culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile, Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.

WILSON, B. **Sociologia de las sectas religiosas.** Madrid: Guadarrama, 1970.